



IV Fórum Alemanha-Portugal

Palavras de Abertura

Nuno Severiano Teixeira

Senhor Director do Institut fur Europaishe Politik,

Senhor Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian,

Senhores Embaixadores,

Minhas Senhoras e Meus senhores

Queria, nesta ocasião, fazer, apenas, duas breves considerações.

A primeira, em nome do Instituto Português de Relações Internacionais-Universidade Nova de Lisboa, para expressar a honra e o gosto que temos em co-organizar com o Institut fur Europaishe Politik e a Fundação Calouste Gulbenkian este Fórum Alemanha-Portugal, hoje, já na sua 4ª edição.

Ao Institut fur Europaishe Politik, com quem realizamos, hoje, a nossa quarta iniciativa em comum, queria, na pessoa do seu presidente Professor Mathias Jopp, reafirmar o nosso empenhamento nesta nossa parceria.

À Fundação Gulbenkian, na pessoa do seu presidente Dr. Artur Santos Silva, queria renovar o nosso agradecimento e reafirmar o nosso empenho no desenvolvimento desta cooperação.

Uma palavra é devida aos Ministérios dos Negócios Estrangeiros da Alemanha e de Portugal pelo apoio, que desde o primeiro momento, quiseram dar a este Fórum, associando, assim, os dois Estados a uma iniciativa das sociedades civis. E em particular aos Embaixadores de Portugal em Berlim, João Mira Gomes e mais recentemente da Alemanha em Lisboa, Christoff Weil, que com o seu entusiasmo ajudaram a manter o Fórum na agenda dos nossos dois países.

Em segundo lugar, duas palavras sobre a razão e o sentido que este Fórum continua a fazer ao termo de quatro edições.

Quando o I Fórum foi lançado a Europa atravessava a fase mais aguda da crise mais grave desde o princípio do processo de construção europeia. Era uma crise

económica e financeira, certamente. Mas era mais do que isso, uma crise institucional e política do projecto europeu, e uma crise de identidade internacional da União Europeia, num mundo em globalização e transição acelerada do sistema internacional.

No dia em que se abre a IV edição os sinais de crise são certamente menos carregados. Mas não nos iludamos. A crise não passou. Pelo contrário, evoluiu e tornou-se mais complexa e mais exigente. Em boa verdade, a Europa não enfrenta, hoje, uma crise mas várias crises, múltiplas e simultâneas, no plano interno e no plano internacional: a crise do Euro e suas sequelas que ainda não terminou; a grave crise dos refugiados; e um arco de crises estratégicas nas suas fronteiras desde o flanco Leste ao flanco sul. A relação não resolvida com Rússia de Putin e a questão da Ucrânia, a instabilidade no Médio Oriente e a questão Síria, o jihadismo do Daesh e o vazio de poder na Líbia com todas as suas consequências. E se a estas acrescentarmos o Brexit teremos a noção da dimensão dos desafios futuros. Mais, a eleição de Donald Trump vem acrescentar incerteza a um mundo já de si incerto e vai trazer, certamente, mais responsabilidade para os europeus e a União Europeia. São crises múltiplas e simultâneas a que a Europa está longe de ter sabido responder e que, pelo contrário, têm agravado aquelas que são as verdadeiras crises do projecto de integração europeia: a crise de coesão, entre os Estados Membros e a crise de confiança, entre os cidadãos e as instituições europeias. São desafios cruciais que só uma liderança europeia com visão estratégica, coragem política e sentido da solidariedade europeia poderá vencer.

Portugal chegou mais tarde à construção europeia. Chegou quando a descolonização e a democratização lhe permitiram. Quando fechou o ciclo imperial e assumiu o destino europeu. Mas quando o assumiu, fê-lo, por inteiro. E integrou todos os movimentos, todas iniciativas, todos os projectos em prol do alargamento e do aprofundamento da integração europeia. Esteve no núcleo fundador da moeda única e integrou o Euro. Assinou os Acordos de Shengen e apoiou uma Europa sem fronteiras. Apoiou a Política Externa e de Segurança Comum, a Política Comum de Segurança e Defesa e participou em todas as missões internacionais, de gestão de crises da União Europeia. Durante os primeiros 15 anos da sua integração, Portugal fez um extraordinário processo de convergência europeia. A partir de 2000, sob o efeito do alargamento a leste, iniciou um processo de divergência que se agravou, drasticamente, com a crise financeira internacional e a crise do Euro e que o levou ao pedido de assistência internacional. Esse processo está concluído com sucesso e em Portugal abriu-se, agora, um novo ciclo.

Sabemos hoje que a austeridade que era necessária. Mas também sabemos não era suficiente. E mais do que isso, que não foi bem calibrada. Que foi longe demais e provocou efeitos indesejados na economia e na sociedade: a maior recessão de

sempre e níveis de desemprego nunca atingidos de que Portugal só agora o país começa a sair lentamente. E é por isso que, sem abandonar o rigor, a prioridade deve agora deslocar-se para o crescimento e para o emprego, onde o conhecimento, a ciência e a inovação devem ter um papel preponderante.

Por razões endógenas ao sistema político em Portugal, as políticas de austeridade e os seus efeitos económico sociais não geraram se partidos ou movimentos populistas, xenófobos e anti-europeus e não provocaram uma crise de governabilidade. Mas não foi esse o resultado político dos programas de assistência em outros países da Europa do Sul. E é por isso que não poderemos continuar a insistir em políticas que criaram problemas tão sérios no plano nacional com reflexos não menos sérios no plano europeu.

É, por isso, muito importante, hoje, relançar e induzir o crescimento económico e completar a união bancária. Isto é, rever e aperfeiçoar as condições de governo económico europeu e, sobretudo, restaurar a solidariedade europeia.

Essa é, hoje, condição para o sucesso. Como é condição de sucesso a nova estratégia internacional da União. A Europa não pode ficar virada para si própria, nem sequer esgotar-se nas políticas de vizinhança. Num mundo em globalização, tem que olhar para outros espaço geopolíticos, para outras áreas regionais, como hoje neste Fórum olhamos para o continente africano. Tal como no ambiente internacional em que vivemos e se quiser ter autonomia estratégica, a Europa terá que encarar a sério a questão da segurança a começar pela concretização das cooperações estruturadas permanentes instrumento fundamental para uma defesa europeia.

Estas são condições para o sucesso. O sucesso de que todos precisamos. Portugal, a Alemanha, a União Europeia.

Se este IV Fórum Alemanha-Portugal, que hoje abrimos puder contribuir, pouco que seja, para esse objectivo terá cumprido a sua missão.